O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 227

11 DE ABRIL 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um descansosinho n'esta lufa-lufa de crimes em que tem andado a vida lisboeta!

Os senhores assassinos são credores do nosso applauso pela magnanimidade com que deixaram durante oito dias descansar os noticiarios, os hospitaes e os cemiterios; são credores da nossa estima pela graciosa discripção com que fecharam as suas navalhas, para deixar a attenção do publico voltar-se exclusivamente para as sevilhanas enormes que no theatro de S. Carlos abrem um para o outro os dois namorados de Carmen, a sensual cigarreira, pela amavel delicadeza com que afastaram os apitos dos policias civis de fazer concorrencia á musica de Bizet.

Muito obrigado, senhores assassinos, senhores salteadores, senhores fadistas, e já que estão em maré de affabilidade, que se decidiram a fazer algumas concessões, pedimos uma continuaçãosinha das treguas da faca e do tiro de revolver, para podermos saborear á vontade a opera nova de S. Carlos e darmos tambem uma vista d'olhos pela opera do Colyseu, que nos dizem que não é coisa para deitar fóra.

Está dito? Obrigadissimo, estimaveis facinoras.

Eu ha vinte e tantos annos que ando pelo theatro de S. Carlos, tenho ouvido quasi todas as operas do reportorio antigo do nosso theatro lyrico, tenho ouvido todas as operas modernas que alli tem subido á scena, tenho ouvido muita obra prima e muitas que o não são, entretanto confesso que nenhuma d'essas operas antigas e modernas me divertiu e me agradou tanto a primeira vez que a vi como essa *Carmen* de Bizet, que ahi está agora em scena, essa pobre *Carmen* que tem tão poucas pretenções a *chef-d'œuvre* que a gente sae do theatro cantarolando-lhe os principaes trechos.

Realmente n'estes tempos em que a grande qualidade da musica celebre é o não se perceber inteiramente nada, não se póde ser mais modesta e mais *bonne fille*, que essa pobre opera comica, a quem muito boa gente — a tal gente da musica incomprehensivel — torceu o nariz quando ella se apresentou pela primeira vez a publico com as suas melodias faceis, as suas habaneras de *zarzuela*, e os seus bailados de castanholas, e que hoje é considerada entre as primeiras obras primas da França musical moderna.

Conheci, e conheço ainda, porque elle ainda vive, um sugeito que era intransigente n'estas questões d'escolas musicaes, e que tinha uma theoria sua sobre musica, theoria que punha sempre em pratica mal se dava a occasião:

— Quando vejo uma opera nova heide sempre assobial-a, a unica differença é de local, ou a assobio nos corredores, ou assobio-a da platéa.

E nunca foi possivel desconvencel-o d'esse seu criterio.

O Jayme Batalha Reis e este seu criado, gritámos com elle carradas de eloquencia de logica, de bellos raciocinios, e foi tudo deitado á rua.

Não houve demovel-o das suas theorias.

— Tudo isso será muito bom, dizia elle, com uma grande bonhomia, mas eu quando vou ver uma opera é para passar umas quatro horas bem passadas, é para me divertir; não tenho tempo, nem pachorra, nem dinheiro para passar a minha vida a estudar uma opera...

Nós descompunhamol-o quasi que o insultavamos. Vinham exemplos, sobre exemplos. Uma obra d'arte, uma obra d'arte seria, verdadeiramente digna d'este nome, largamente e sabiamente meditada, não se póde comprehender n'uma audição.

— Pois sim, tornava elle invariavelmente, mas eu assisti á primeira representação dos *Huguenotes*, e sahi de lá assobiando o coro dos punhaes, o *duo* de Raul e Valentina: assisti á primeira representação do *Roberto*, á sahida cantava o *Roberto* pimpim: vi o *Fausto* na primeira noite e deitei-me a trautear o *Rei de Thulé*.

E os argumentos em favor da musica *savante* voltavam de novo, energicos, eloquentes, esmagadores.

— A *Valkuria*, diziamos-lhe, não se percebe senão depois da decima audição, á vegessima more-se por ella.

— Póde ser, mas não é opera para mim.

E fazia o seguinte calculo:

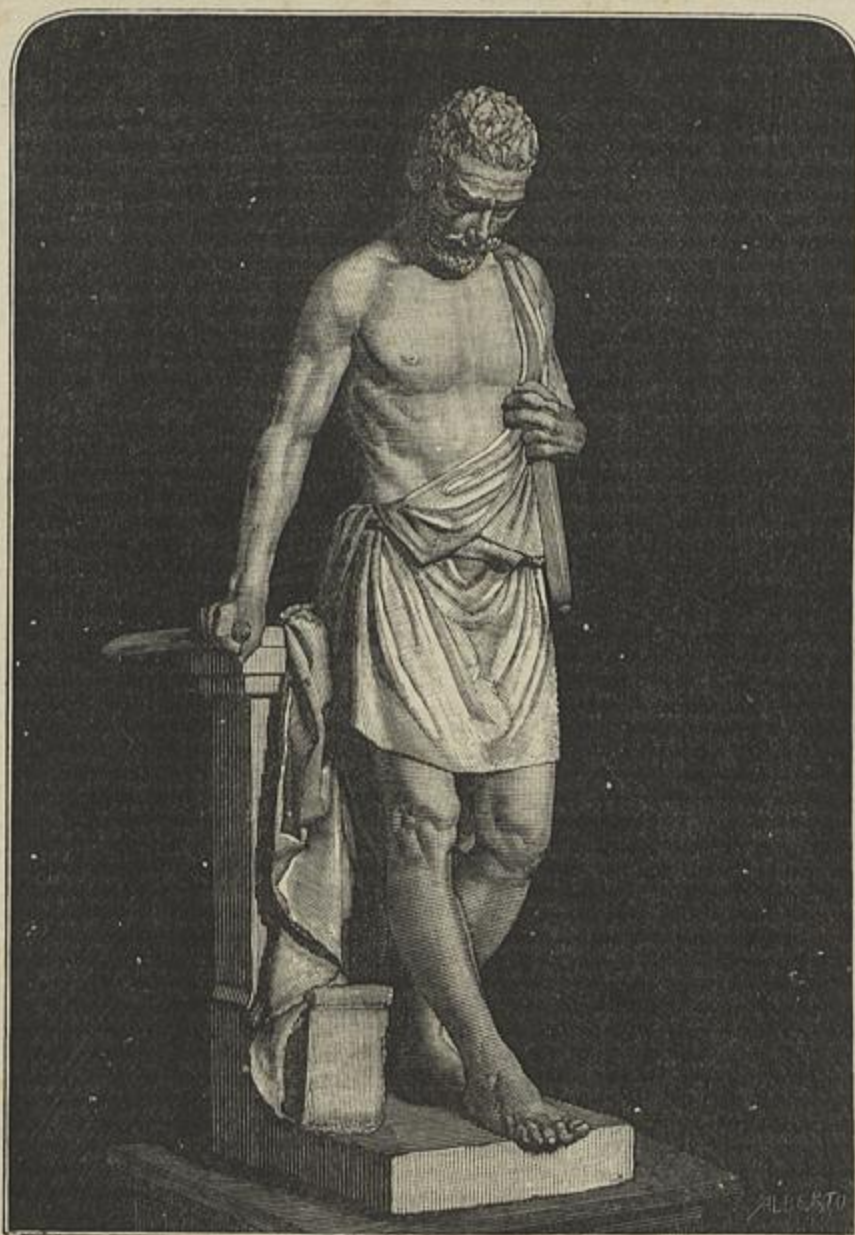
— Eu quando vou ao theatro de S. Carlos dou um quartinho — n'esse tempo as cadeiras eram a quartinho — á empreza, para ella me dar um espectaculo que me divirta durante 4 horas.

Não posso dispor mais de que d'essas 4 horas e d'esses doze tostões para ver uma opera.

Vejo a *Africana*, o *Guilherme Tell*, a *Dinorah*, a *Aida*, a *Judia*, etc., e consigo o meu fim. Agora vamos lá a ver os *Niebelungen*. Para os perceber tenho que os ver vinte vezes, isto é, tenho que gastar vinte quartinhos e vinte vezes 4 horas; cinco moedas e 80 horas — não possuo nem fortuna nem tempo, para gastar tantas horas e tantas moedas com uma opera!

Ora a *Carmen* é uma opera que deve encher de contentamento esse nosso bom amigo, e reconcilial-o com a musica moderna.

Eu, que não perfilhando absolutamente as suas opiniões, não o desacompanho muito cá de dentro, tive um verdadeiro regalo com a primeira audição da opera de Bizet.

Ha em toda a opera, tanto

CATÃO PREPARANDO-SE PARA O SUICIDIO
ESTATUA EM GESSO DE THOMAZ COSTA, PREMIADA NO CONCURSO DE ESCULPTURA, NA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES
(Segundo uma photographia da casa Emilio Biel, do Porto)

na partitura como no libretto, um sabor de originalidade, de novidade, de modernidade, que encanta.

É uma opera nova em toda a extensão da palavra, tão nova que chega a fazer um certo escandalosinho n'aquelle grave palco de S. Carlos, que não deixa de lhe augmentar as seducções.

Os amores d'uma cigarreira com um soldado, n'aquelle theatro habituado ás altas tragedias passadas entre pessoas de elevada posição, tudo gente *comme il faut*, aquellas coristas a fumarem cigarro, aquella prima dona lyrica a cantar habaneras, e a bailar as lubricas danças flamencas, aquelle toureiro a jogar a navalhada com um contrabandista, tudo aquillo tem um tom picante, extranho no palco do theatro de S. Carlos, sae fóra do ramerão vulgar de todas as operas que estamos habituados a ouvir, dá á opera de Bizet, alem do encanto de todas as suas prodigiosas bellezas, o encanto da novidade.

O segredo da extraordinaria belleza da *Carmen* está, depois do enorme talento de Bizet, já se vê, em ella ter nascido opera comica.

Livre das preoccupações da gravidade official que a pragmatica impõe ás grandes operas lyricas, Bizet escreveu á vontade a sua opera comica, deu plena liberdade á sua phantasia caprichosa, não esteve aqui e alli a tolher os vôos da sua inspiração, a encolher o seu talento dentro das formulas estabelecidas pela lythurgica da grande opera.

D'ahi, uma grande franqueza de inspiração, a irradiação completa e sem peias de um talento de primeira ordem, entregue perfeitamente aos seus caprichos, aos seus devaneios, o genio librando em plena liberdade os seus vôos mais audazes: d'ahi, uma obra vigorosa, original, cheia de talento, de frescura, de individualidade.

Os librettistas estavam tambem tanto á vontade como o maestro. Escreveram um libretto de opera comica: não tinham as obrigações severas que impõe um *scenario* de opera; não eram forçados a annullar-se atraz da partitura, e podiam chancellar o poema com a sua individualidade litteraria.

E foi o que fizeram os librettistas da *Carmen*, uns librettistas que se chamam, nem mais nem menos, do que Henri Meillac e Ludovic Halevy.

Estes dois homens, que foram com Offenbach os iniciadores da opera burlesca, d'essa pobre opera burlesca que tantas descomposturas tem levado dos moralistas *prudes*, e que tantas gargalhadas tem feito rir ao mundo inteiro; esses dois homens, que crearam a comedia buffa, como Offenbach creou a operetta; esses dois homens, que um dia, cançados de fazer rir tanto, quizeram mostrar que eram tambem capazes de fazer chorar, e escreveram a *Froufrou* e a *Fanny Lear*, foram a uma novella deliciosa do chorado Merimée e arrancaram do livro um drama excentrico, cheio de paixão, de amor e de facadas.

Agarraram na *Carmen* de Merimée, n'essa creação magnifica do auctor das *Cartas a uma desconhecida*, n'essa creação que tentára já tantos pinceis illustres, e transplantaram-n'a para o theatro.

Georges Bizet, um compositor de genio que a morte roubou á França em plena gloria, deu a vida musical a esse poetico e brutal personagem.

E ahi teem como nasceu a opera que applaudimos agora em S. Carlos.

Uma comediante de genio tambem, a Galli Marie, que é uma cantora e ao mesmo tempo uma actriz de primeira ordem, a creadora da *Mignon*, de Ambroise Thomas, metteu-se dentro do personagem creado por Merimée e por Bizet, e em 1875 a Opera Comica de Paris dava pela primeira vez aos parisienses a opera do maestro Bizet, já conhecido por outras partituras que denunciavam um vigoroso talento musical, prejudicado por accentuadas preoccupações wagnerianas.

A critica e o publico receberam friamente essa opera: acharam-n'a banal, tanto na partitura como no poema; não estavam habituados áquellas audacias, áquellas sem-cerimonias, e fizeram-lhes cara.

A *Carmen* porém foi fazendo o seu caminho, apesar da má vontade da critica, e um bello dia, já depois da morte de Bizet, a critica franceza teve que reconhecer, admirada e arrependida, que se enganára, que a *Carmen* não era só uma opera notavel, era uma das primeiras operas da França contemporanea.

E todos os grandes theatros lyricos do mundo, abriram de par em par as suas portas, a opera comica de Bizet, e a *Carmen* acclamada e victoriada em toda a parte, veio finalmente até Lisboa fazer-nos a sua visita.

E ainda bem que veio, para nós e para a Empreza. Para a Empreza, que encontrou uma grande attracção para o publico, uma attracção que lhe faltava desde que a Devriés e a Sembrich levaram comsigo o enthusiasmo dos *dilletanti* lisboetas; para o publico, que tem occasião de ouvir uma das operas mais interessantes e originaes que ha no mundo lyrico moderno.

O desempenho da *Carmen* foi muito notavel por parte da prima-dona Novelli, uma formosa cantora que possue uma das mais bellas vozes de contralto que temos ouvido, e que é incontestavelmente a perola da companhia actual de S. Carlos. A parte de Carmen era inteiramente nova para Novelli, que nem sequer a vira nunca representar.

Apesar d'isso, apesar de ser uma artista muito nova, ter muito pouca experiencia de scena, e da *Carmen* exigir grandes dotes de comediante e ter immenso que representar, a sr.ª Novelli saiu-se brilhantemente da empresa, desempenhando com muito talento e muita graça, a protogonista da opera de Bizet, chegando mesmo a ser completa, irreprehensivel, primorosa em algumas scenas, como por exemplo na scena de seducção no 1.º acto, na scena do namoro com o toureiro no 3.º acto, e em toda a scena final da opera, a grande scena dramatica com o tenor.

O tenor, o sr. De Bassini, escripturado expressamente para cantar esta opera, agradou muito e teve prolongada ovação.

A sua voz no registo medio é fanhosa e muito desagradavel, as notas agudas, porém, são boas, e acima de tudo isso sabe cantar, e representa na perfeição a *Carmen*, que é a sua opera favorita, e que já tem cantado cerca de noventa vezes.

Em summa, a *Carmen* a opera d'obligo d'esta estação foi um bello e grande *successo*, e o OCCIDENTE occupar-se-ha d'ella proximamente mais d'espaço, como tem feito com todas as operas de obligo cantadas ultimamente no theatro de S. Carlos.

O scenario da *Carmen*, todo novo e pintado pelo sr. Manini é excellente e d'um grande effeito theatral e pittoresco.

Demorámo-nos muito na *Carmen*, um acontecimento nosso, para podermos agora falar detidamente dos acontecimentos da França.

Cahido desgraçadamente o ministerio Ferry, apupado pela multidão que decerto o acclamaria se as noticias da guerra do Tonkin fossem favoraveis á França, succedeu-lhe depois de muitas hesitações o ministerio Brisson Freycinet que não dará, crêmos, muito que falar de si, e é apenas um ministerio d'accalmação como se diz agora.

De Hespanha as noticias são mais graves para nós. O cholera parece que reappareceu na provincia de Valencia e com certa intensidade.

A proximidade do verão dá ainda maior gravidade á noticia; em todo o caso, a ter que apparecer antes lá do que cá, porque nos dá tempo de preparar a defeza, e crêmos que essa defeza se fará rapidamente e acertadamente, porque o sr. ministro do reino, o conselheiro Barjona de Freitas tem direito a toda a confiança do paiz, pela energia e boa vontade de que deu provas quando, no outomno ultimo, o cholera andou ameaçador pela França, Italia e Hespanha.

E fecharemos a chronica com uma boa noticia. Entrou já em plena convalescença a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Guilhermina Anjos Jardim, a esposa do nosso bom e illustre amigo o sr. dr. Luiz Jardim, uma das senhoras mais formosas da nossa primeira sociedade e muito querida em Lisboa pelas altas virtudes que ornam o seu bello caracter.

Folgamos sinceramente com essas melhoras e congratulamo-nos com ellas.

Gervasio Lobato.

CATÃO PREPARANDO-SE PARA O SUICIDIO

Estatua em gêsso, de Thomaz Costa

Na Academia Portuense de Bellas Artes decidiu-se ultimamente o concurso aberto para um lugar de pensionario do Estado, no extrangeiro, para o estudo de esculptura.

Foram tres os concorrentes: os srs. Antonio Mollarinho, ex-alumno do curso de pintura da mesma Academia; Teixeira Lopes, alumno do 3.º anno de esculptura e Thomaz Costa, alumno do 4.º anno da mesma cadeira.

As provas consistiram: em dezenho, uma academia pelo modelo vivo; e em esculptura, uma cabeça de expressão *(Um martyr christão)*, e uma estatua de um metro de altura, *(Catão preparando-se para o suicidio)*.

O jury academico, considerando em egualdade de circumstancias, em merito absoluto os candidatos Teixeira Lopes e Thomaz Costa, deu comtudo a preferencia, em merito relativo, ao segundo, decisão esta que acentuou mais uma vez a imparcialidade e a rectidão dos professores que tiveram de intervir n'esse melindroso julgamento.

Não nos propomos apreciar aqui os trabalhos de cada um dos concorrentes. Sobre elles já se escreveu muito, escreveu-se até demasiado.

O nosso fim é simplesmente apresentar a prova mais importante do candidato laureado, Thomaz Costa, e acompanhal-a de algumas linhas inspiradas pela belleza d'essa obra de arte, que é ao mesmo tempo a revelação brilhantissima de um talento, que vae continuar na Escola de Bellas-Artes de Paris, as tradicções gloriosas que lá deixaram estatuarios como Soares dos Reis e Simões de Almeida.

O assumpto d'essa prova foi, como já dissemos, *Catão preparando-se para o suicidio*, ponto vago e complexo, mais proprio talvez para um concurso de *grand prix*, do que para o de um lugar de pensionista, idealisação esthetica mais concentanea com os recursos de um artista bem preparado, do que com os principios mais ou menos rudimentares da educação incompleta de um alumno de esculptura do terceiro ou quarto anno, das nossas academias.

Havia pois a considerar n'esse trabalho, a concepção artistica sob os variados pontos de vista da acção, do sentimento e da tradicção historica, e a execução technica.

Thomaz Costa foi sem duvida alguma sobremodo feliz em todos esses casos.

Catão d'Utica, bisneto de Catão, o *Antigo*, era segundo as chronicas, uma alma corajosa e intrepida. Aos quatorze annos, e no proprio palacio de Sylla, indignado perante as atrocidades praticadas com os proscriptos, pedia um punhal para libertar Roma do sanguinario tyranno. Oppoz-se depois com todo o seu poder ás ambições de Cesar, contra o qual combateu, e por fim não querendo sobreviver á derrota soffrida na Africa por Métellus Scipião, a quem ia reunir-se, refugiou-se na Utica, onde atravessou o coração com a propria espada, meditando, antes de se ferir, o *Phédon*, dialogo em que Platão trata da immortalidade da alma.

É n'este lance supremo, que o artista nos apresenta o heroe.

Segurando em uma das mãos o ferro, e afastando com a outra a tunica do sitio do peito em que o vae cravar, Catão, um pouco curvado sob o peso de um abatimento momentaneo, que não é de modo algum a angustia de uma fraqueza covarde, aprofunda-se ainda nos pensamentos tranquilisadores do grande philosopho, não porque o *Phédon* o instigasse ao criminoso attentado da propria existencia, mas porque n'elle se compenetrára da esperançosa revivificação espiritual do seu ser, nos aureos mundos da eternidade feliz.

A morte não era um termo, mas uma transicção.

Todas estas circumstancias psychologicas foram intelligentemente concebidas e habilmente executadas.

A figura tem um movimento harmonioso e expressivo. A cabeça, de um bello e justo typo romano, pende meditabunda, accentuando-se na fixidez vaga do olhar, e nos traços suaves da physionomia, a serenidade de uma energia inhabalavel. Nem uma ruga de desespero, nem um gesto de desalento.

A modelação é firme e tratada com a consciencia de quem tem sabido seguir os conselhos proveitosos de um bom mestre. Não ha durezas de linhas, nem discrepancias de contornos. A ossatura anatomica accentua-se delicadamente por sob aquella carne palpitante de vida, não havendo exageros de *detalhe*, o que faz com que a estatua, sendo de limitadas proporções, apresente um aspecto grandioso, qualidade esta de um subido valor artistico.

A tunica está graciosamente disposta, e a toga, que fórma o ponto de apoio da estatua, arranja-se perfeitamente por detraz da figura.

Junto ao suporte, vê-se caído o *papirus* do *Phédon*, cujo titulo está inscripto em caracteres gregos, dando esta minudencia a nota saliente da circumspecção do artista, ao inspirar-se em todos os factos que podessem definir bem o assumpto e traduzir o pensamento restricto do ponto fixado.

Feita a descripção d'este trabalho, em que a uma idealisação elevada se reune uma factura primorosa, resta-nos falar do seu auctor, cujos merecimentos se accentuaram excellentemente nas difficuldades de um concurso, em que lhe couberam os louros de uma gloria bem merecida.

Thomaz Figueiredo de Araujo Costa nasceu em

25 de fevereiro de 1860, na freguezia de S. Thiago de Riba d'Ul, concelho de Oliveira de Azemeis.

Em 1867 entrou para o Collegio dos Orphãos do Porto, onde esteve até á idade de 14 annos, e em fevereiro de 1874 partia para o Brazil, para procurar na carreira commercial, os meios de uma subsistencia honesta.

A fortuna não lhe sorriu alli demasiado, e além d'isso a nostalgia do exilio attrahia-o irresistivelmente para a patria, onde regressou em outubro de 1876, empregando-se successivamente na Companhia Aurificia e na joalheria de F. Moutinho de Souza (successores), entrando em 1880 como desenhador para a repartição districtal de obras publicas do Porto.

N'esse mesmo anno inscreveu-se socio effectivo do Centro Artistico Portuense, cujo *atelier* começou a frequentar com uma assiduidade e applicação que lhe assignalaram uma nova phase á sua existencia.

A convivencia alli com mestres como Soares dos Reis e Marques de Oliveira, o cuidado com que seguia os seus conselhos, a vocação, emfim, que se desenvolvia n'elle com uma expontaneidade pouco vulgar, abriram-lhe os horisontes seductores da arte e Thomaz Costa principiou a ser artista.

Um anno depois matriculava-se no curso de esculptura da Academia Portuense de Bellas Artes, continuando a ter por professor o illustre estatuario Soares dos Reis, em 1883, obtinha o 2.º premio no concurso do antigo em desenho historico, e passados dois annos alcançava a melhor classificação no concurso de pensionario do Estado.

O nosso biographado, que já havia testimunhado uma aptidão muito habil em alguns estudos de pintura e na collaboração artistica da *Arte Portugueza*, dá honra ao Centro Artistico Portuense, onde fez a sua iniciação, e lustre ao nome respeitado do seu mestre insigne.

N'aquella despretenciosa agremiação, occupava elle actualmente um dos cargos de director.

Thomaz Costa allia ainda ás primicias fulgurantes do talento, qualidades pessoaes que lhe tem grangeado a estima mais affectuosa. Intelligente, modesto, de um comportamento irreprehensivel e de uma affabilidade seductora, essas prendas de caracter engrandecem os seus meritos de artista consciencioso.

A arte nacional tem a esperar muito d'elle, e crêmos firmemente que o futuro ha de justificar plenamente a espectativa de quantos vêem no moço estatuario, mais uma das glorias artisticas da patria dos Sequeiras e dos Vieiras.

Porto, 2 de abril de 1885.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

FERNANDO SCHWALBACH

Novo governador de Inhambane

Fernando Augusto Schwalbach, o novo governador de Inhambane, que partiu para Africa no paquete de 23 de março ultimo, é o ultimo filho que resta vivo do illustre visconde de Setubal, esse heroe das campanhas da nossa liberdade, ao nome do qual anda ligada uma tradição já lendaria de feitos heroicos e de valentia epica.

Fernando Schwalbach sustenta brilhantemente as tradições de honradez e de valentia que lhe deixou seu pae. Nascido em 1835, em Vizeu, aos 16 de julho, Fernando Schwalbach sentou praça novo e seguiu a vida militar, tradicional tambem na sua familia.

Em 1871 foi pela primeira vez para a Africa, como governador de Ambriz, que lhe deve grandes melhoramentos.

Em 1875 voltou a Portugal, e serviu na guarda municipal de Lisboa, como ajudante do general commandante das guardas, o valente João Pedro Schwalbuch, que a morte roubou tão cedo á amizade dos seus e á estima e consideração do paiz inteiro.

Em 1879 Fernando Schwalbach partiu para Inhambane nomeado governador pelo sr. marquez de Sabugosa.

Finda a sua commissão, voltou ao continente, em 1882, com o posto de major.

Fernando Schwalbach porém dá-se muito bem na Africa, morre por aquelles climas quentes, de que tanta gente foge; quando passa bem de saude é quando lá está, e agora para lá voltou a governar o mesmo districto, onde é muito querido e onde deixou muitas saudades.

Fernando Schwalbach é um cavalheiro perfeitissimo, de uma grande hombridade de caracter, de uma extrema affabilidade de trato.

Todos os seus governos teem sido assignalados por actos de uma energia cordata, de uma seriedade digna que o fazem respeitado de todos.

E um homem de bem e um militar valente: não se pode fazer melhor elogio de um militar e de um homem, e com mais justiça.

G. L.

PAÇOS DO CONCELHO EM PANGIM, NA INDIA PORTUGUEZA

Pangim é a capital dos Estados da India portugueza, cidade moderna construida sobre a margem esquerda do rio Mandovi, a 5 kilometros da foz e distante 7,50 kilometros da velha cidade de Goa. O seu aspecto é agradavel, porque além de estar bem situada, tem bons edificios que guarnecem as suas ruas largas e praças espaçosas.

Entre os seus edificios mais importantes contam-se o palacio do governo, a bibliotheca publica, palacio episcopal, escolas publicas, quartel, alfandega e os paços do concelho, que a nossa gravura representa.

Este edificio foi construido ha cerca de quinze annos, por iniciativa do sr. barão de Combarjua que era então presidente do municipio, e por esse tempo governava o estado da India o sr. visconde de S. Januario.

Os paços do concelho erguem-se ao fundo de uma grande praça ao centro da cidade de Pangim. A sua construcção é apropriada ao effeito e tem vastas accommodações para as secretarias municipaes, e boas salas de recepção.

Do que nos resta dos nossos grandes dominios na India, Pangim é hoje o mais importante porque para a nova cidade tem convergido as attenções dos differentes governos d'aquelles Estados. É o centro das trinta e oito povoações que compõem a comarca de Goa e a sua população deve elevar-se hoje a perto de 20:000 almas.

O seu povo é industrioso e dotado de rara habilidade, mas as circumstancias desajudadas em que produz não permittem desenvolver as suas industrias aliás de merecimento em ouro, prata, ferro, tecidos de linho e de algodão, no que são eximios em adamascados como se não fazem na Europa, etc. A sua agricultura produz arroz, café, algodão, assucar, linho, especiarias, madeiras e grande variedade de fructos de primeira ordem.

De tudo isto se conclue que os Estados da India são das mais fulgentes joias que adornam a corôa de Portugal, assim a indifferença e a incuria não deixassem embaciar o brilho d'essas joias.

GUERRA FRANCO-CHINEZA — O GENERAL DE NÉGRIER

A noticia da derrota do exercito francez na fronteira da China produziu o effeito de uma enorme bomba que rebentasse no seio de Paris, e o povo francez, facilmente impressionavel, quer se trate de exaltar os seus heroes, quer se trate de os despenhar das eminencias a que os elevou, excitado por um orgulho que nem sempre se justifica, deu áquella noticia umas proporções exageradas e voltou-se em massa contra o governo presidido pelo sr. Ferry, tornando-o culpado do que se passava na China.

Entretanto a derrota dos francezes não era o que os primeiros telegrammas deixavam perceber; não chegava a ser uma derrota: tinha sido simplesmente um revez. Lang-Son, que havia sido occupada pelos francezes, foi atacada pelos chins, e aquelles tiveram que retirar o seu pequeno exercito em frente de 40:000 chinezes.

Este desastre para as armas francezas deu-se no dia 28 de março, e pelas noticias mais recentes limitou-se á perda de 5 mortos e 40 feridos, o que não deixa de attestar a boa ordem em que se fez a retirada, se considerarmos o numero superior do inimigo, que estava em sua casa.

O general De Négrier é que commandava as forças francezas de occupação, e, se teve que ceder á força inimiga, consideravelmente superior, houve-se com tal arte e prudencia, que não comprometteu inutilmente os seus soldados.

De Négrier é um valente official que aos 45 annos já occupa um posto elevado no exercito, e o governo francez reconhece-lhe tanto a sua capacidade e valor, que não duvidou, em presença do revez que acabava de soffrer, distinguil-o com um posto de accesso, para melhor testemunhar a sua confiança.

O general De Négrier é a figura principal que se destaca no meio d'este incidente, que poderia ter sido uma verdadeira derrota para as armas francezas, derrota provocada pela pouca attenção que em verdade a França tem prestado ao conflicto franco-chinez, tratando com um profundo desprezo e desdem o valor das armas chinezas, que, se não primam em sciencia ou em valentia, avantajam-se em numero, accrescendo a circumstancia de estarem em sua casa e de a defenderem.

O que é certo é que este conflicto, surgido depois da guerra do Tonkin, com que parecia ter-se concluido a questão, tomou as proporções de uma guerra mais importante do que aquella, pelos funestos resultados que vae tendo.

A China perdeu a sua esquadra e os seus arsenaes de Fu-Tcheu, e confessa que tem o seu thesouro exhausto, d'onde já dispendeu sessenta milhões de taeis. A França já tem gasto alguns milhões de francos e, peior do que isso, está a braços com uma crise politica, provocada pelos ultimos acontecimentos da China, crise que pode trazer para a França as mais funestas consequencias, as quaes nem mesmo é facil prever n'este momento.

O parallelo da França n'esta occasião com a Inglaterra, que se vê tambem a braços com serias complicações, de tanta ou maior importancia, é muito para notar. A Inglaterra, vendo-se affrontada, poz de parte a politica partidaria, deu força ao governo e uniu-se para conjurar o perigo; a França, julgando-se offendida nos seus brios e no seu prestigio, derrocou o governo, culpando-o de tudo, desenfreou as suas paixões partidarias, sem dar uma solução conveniente á crise, e desuniu-se na causa commum — a honra da patria.

ESTAÇÃO DE VALENÇA

A estação fronteiriça de Valença, situada no kilometro 130 da linha ferrea do Minho, foi inaugurada no dia 8 de dezembro de 1884.

O respectivo projecto, approvado por portaria de 12 de maio de 1882, é devido ao illustre engenheiro o sr. Augusto Luciano Simões de Carvalho, actual director da construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Como se vê pela gravura que o Occidente hoje publica, este edificio extrema-se pela sua elegancia e simplicidade architectonica, reunindo assim á belleza de aspecto a economia de construcção, condições estas sempre de summa valia.

O edificio destinado a passageiros mede 66 metros de comprido por 14 de largo, sendo a sua area aproximadamente a da estação de Vianna. O corpo central, com tres portas e janellas de frente, é coroado como os torreões das extremidades, por aguas-furtadas com cobertura á Mansard, correndo na frente, entre os torreões e o corpo central, galerias cobertas como na estação de Vianna.

O alpendre principal mede a area coberta de 820 metros quadrados, sendo sustentado por oito columnas de ferro fundido; a lanterna e empenas são envidraçadas a vidro fosco. Esta obra foi feita nas officinas da Fundição de Massarellos.

A cocheira de carruagens mede a superficie de 320 metros quadrados, tendo duas naves e capacidade para oito vehiculos. Nas sobrelojas ha habitações para pessoal, com accommodações isoladas para tres familias e para um grupo de empregados celibatarios.

A cocheira de locomotivas tem 350 metros quadrados de superficie, accommodando a sua nave quatro machinas e respectivos *tenders*. Em um edificio annexo existe quartel para machinistas e fogueiros e habitação para o chefe de reserva.

Os pavimentos terreos das diversas dependencias e passeios são cobertos por formigão hydraulico Wilkinson ou por ladrilho mosaico de fabricação nacional.

As grades de vedação foram tambem fabricadas na Fundição de Massarellos.

As placas giratorias foram fornecidas pela sociedade belga Tohn Cocherill e construidas nas suas officinas de Seraing. A ponte para rotação de locomotivas é allemã; fornecida por G. Dullwer e reformada nas officinas geraes dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

As agulhas e cruzamentos procedem das officinas allemãs de Bochum, em Westphalia; a bascula, de 20 toneladas, da fabrica franceza de Travyon, de Lyon; e o guindaste fixo de 6 toneladas, da fabrica tambem franceza de Fives-Lille, proximo a Liège, bem como a tina do reservatorio de 40 metros cubicos.

O relogio do frontão foi fornecido pelo relojoeiro portuense o sr. Germano Courrège.

As obras de pedra foram construidas por empreitada por D. Gabriel Beitia, e as de trolha por

Domingos Gonçalves dos Santos, e as de carpinteiro por Antonio Rodrigues da Fonseca.

Os trabalhos de construcção começaram em 15 de maio de 1882, sendo as pedras angulares assentes em 24 de agosto do mesmo anno.

A abertura á exploração provisoria realisou-se em 6 de agosto de 1882 e o principio do serviço de pequena velocidade em 15 de abril de 1883.

A estação de Valença, situada a cerca de 500 metros das portas da praça de Valença, acha-se construida em um angulo formado pelas estradas de Monção e Caminha.

Porto, março de 1885.

Manuel M. Rodrigues.

Fernando Schwalbach, novo governador de Inhambane
(Segundo uma photographia)

CASTILHO

(Continuado do n.º 217)

III

D'aqui em deante os dois irmãos formam quasi uma existencia unica.

Augusto estuda para seu irmão e, depois de terem concluidas as humanidades, entram na universidade de Coimbra em 1817 os tres irmãos, Adriano, Antonio e Augusto.

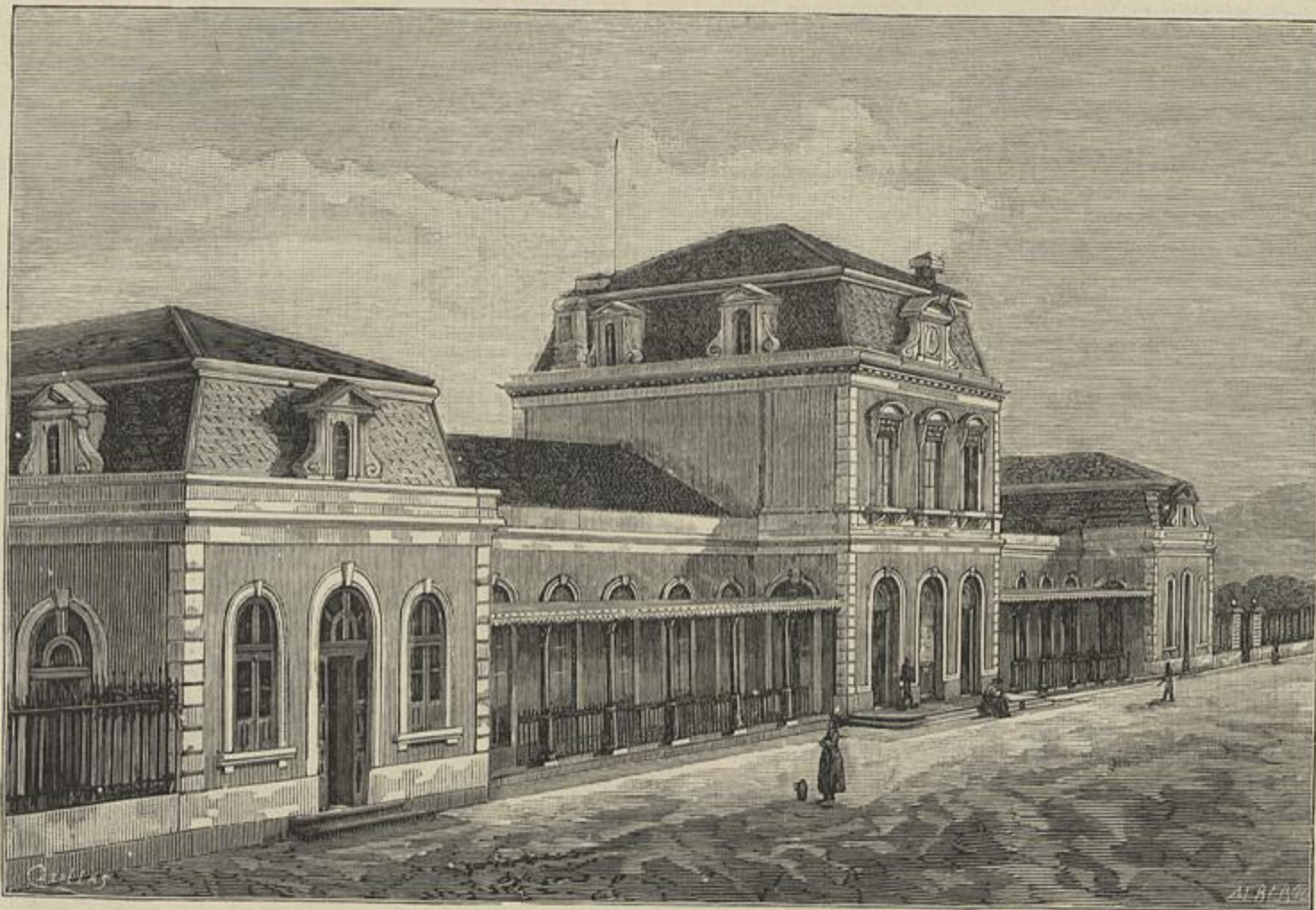
Antonio, não obstante seguir como seu irmão mais novo o curso de canones, não esquece de todo os peccadilhos poeticos, que já em Lisboa havia commettido e haviam sido animados pelo voto, muito valioso então, de Antonio Ribeiro dos Santos.

Seu irmão Augusto, de cujo grande talento se não pode duvidar, — não só pela commemoração de trabalhos latinos e portuguezes que Antonio Feliciano de Castilho faz, mas pelas obras que deixou impressas ou o foram depois, — tambem poetava como este.

Castilho fez o seu curso de direito canonico em epoca muito singular, porque foi durante elle que que rebentou a pacifica e grandiosa revolução de 1820. O poeta, que não deixára de dedicar alguns sentidos versos á morte do primeiro martyr da liberdade portugueza, Gomes Freire de Andrade, acompanhava os seus collegas e contemporaneos illustres na saudação a esse grande movimento popular; e em Coimbra e em Lisboa a sua lyra se desprende em sons patrioticos.

Mas todas essas paginas soltas, umas impressas, outras ineditas, vão ceder o passo a um volume que causou viva sensação no mundo litterario, e ainda vinte ou trinta annos depois não tinha perdido nada da sua reputação; falamos das *Cartas de Echo e Narciso*, publicadas em 1821.

O assumpto é tirado da mythologia grega; a forma é classica pela correcção e sobriedade; o estylo é puro e animado, como rompe de um espirito e de um coração de vine tannos. Se Garrett diz que já em Bocage e Filinto se conhece o falso tom em que se achavam afinadas as suas lyras, nos versos de Castilho, debaixo do aspecto do mais perfeito classicismo, sente-se o perfume das auras romanticas, que já rumorejavam os harpejos de André Chenier, de Châteaubrind e de Byron.

No anno seguinte publicava-se *A Primavera*, que, tendo os mesmos quilates de linguagem e estylo que as *Cartas de Echo e Narciso*, reflectem a influencia do Theocrito da Suissa, Salomão Gessner, cuja suave e branda musa tanta affeição mereceu sempre aos nossos poetas. Em todos os tempos os portuguezes se inclinaram á poesia pastoril, sendo esse um dos veios mais ricos da nossa litteratura.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Estação de Valença, no Caminho de Ferro do Minho (Segundo uma photographia da casa Biel & C.ª, do Porto)

Ha bellezas de primeira ordem no genero, desde Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda até Quita e Castilho. Mas no bucolico d'este ha umas cambiantes de Virgilio, Ovidio e Gessner que encantam.

IV

A revolução da litteratura portugueza estava porem em embrião. Surgiam os primeiros symptomas com o *Catão* e havia de expandir-se de todo com o *Camões, Adozinda, D. Branca*, a *Voz do Propheta, Harpa do Crente* e *Eurico*.

O movimento reaccionario que pretendeu suffocar as aspirações liberaes, obrigando a seguir o caminho do exilio todos os talentos activos de Portugal, fez com que essa pleiade brilhante, que entrára no amago do renovamento litterario da Europa, ao voltar á patria, trouxesse hasteados nas suas bandeiras os novos lemmas politico e liberal.

Castilho, cuja primeira educação litteraria fôra um tanto de acaso, e a quem o notavel defeito physico, que lhe devia ser escolho e aureola, impedia de ver, examinar, palpar, por assim dizer, todas essas manifestações do espirito moderno, disposto como já estava pelos rapidos lampejos que de quando em quando lhe deixavam entrever novos horizontes, entrou logo no caminho de novo aberto e seguiu por elle fóra com passo firme e decidido.

Em 1836 publicava Castilho o seu primeiro trabalho no genero verdadeiramente romantico, *A Noute do Castello e os Ciumes do Bardo: seguidos da confissão de Amelia, traduzida de Mademoiselle Delphina Gay*. Este volume veio provar como o talento facil e maleavel de Castilho abraçava de prompto as formas novas, sem deixar a correcção e o esplendor de linguagem, que havia de ser sempre um dos seus principaes caracteristicos.

A *Noute do Castello* era a conversão em poema de uma das mil e uma baladas e historias da epoca das cruzadas, como tantas ouvimos contar em pequenos; e com quanto se lhe quizesse logo dar parentesco com esta ou com aquella, é certo que o facto é commum a varias, com maior ou menor differença nas peripecias. Nem valia a pena perder tempo a discutir esse ponto. O assumpto é tratado com riqueza de tintas e opulencia de phrase. Os *Ciumes do Bardo* ostentam as mesmas galas, tem mais concisão e vigor, e se um critico julgou que a phrase não era a do sentimento no momento da sua explosão, mas depois de passado algum tempo, e já quando elle é como que uma recordação, nem por isso deixa este poemeto de ser um dos trechos mais perfeitos que possue a nossa moderna litteratura. Na *Confissão de Amelia*, tributo pago a uma das mais graciosas e talentosas figuras das lettras da moderna França, se mostra já o traductor que depois ha de enriquecer a lingua patria com tantos primores inimitaveis e valentissimos.

N'esse mesmo anno a prosa portugueza recebia de Castilho um brinde formosissimo, na traducção das *Palavras de um crente*, de Lamennais, livro que causou em França uma sensação extraordinaria e que não menor a causou em Portugal.

Trez annos mais tarde forma-se uma empreza importante para a sua epoca e que devia ao mesmo tempo desenvolver o sentimento patriotico, artistico e litterario dos portuguezes: a *Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*. Dos seus prelos saem obras ainda hoje estimadas pelo seu duplo valor litterario e artistico, relativamente. Esta sociedade intenta a publicação de uma especie de monumento nacional que intitulou *Quadros historicos de Portugal*. Para levar a cabo a grandiosa empreza, offerece-se um artista de muito talento, de muita facilidade de composição, ainda que incorrecto, por isso mesmo que trabalhava com muita rapidez: Mauricio José Sendim; o texto foi confiado a Castilho. Alguns annos depois, quando a nossa idade nos permittiu tomar conhecimento, bem que ligeiro, de similhante trabalho, lembram-nos ainda as sinceras demonstrações de enthusiasmo com que eram lidos, saboreados, commentados aquelles soberbos periodos da nossa formosa lingua. A forma romantica applicada ao desenho dos bellos factos da nossa historia, tinham produzido um edificio, bem que incompleto, que é na prosa uma como reproducção das arcarias magestosas da Batalha e Belem e dos seus exuberantes e gentilissimos rendilhados.

(Continua)

J. B.

INDIA PORTUGUEZA — PAÇOS DO CONCELHO, EM PANGIM (Segundo uma photographia)

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Continuado do n.º 225)

Em 1853 o governo tomou conta do theatro.

E foi uma felicidade para o actor Rosa essa intervenção directa do governo nos negocios theatraes.

O ministro do reino, o grande estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, que conhecia muito Rosa e apreciava, como homem superior que era a sua grande valia e altos merecimentos, deu-lhe tres mezes de licença em 1856 para ir a França, a espensas do governo, estudar arte dramatica.

Rosa partiu immediatamente, e chegou a Paris conhecendo alli unicamente o sr. Fournier, que fôra em tempo consul de França em Lisboa.

Fournier, apresentou-o ao actor Mirecourt, que nunca foi nenhuma celebridade mas vivia intimamente com os maiores artistas de França, que o consideravam muito pelos seus profundos conhecimentos artisticos.

Mirecourt levou Rosa ao *foyer* do theatro fran-

cez, e essa sua primeira entrada na casa de Molière foi tão auspiciosa que Rosa esteve vae não vae para nunca mais lá voltar.

Os artistas francezes, os *comediens ordinaires de l'empereur* receberam-n'o com uma frieza de despedir hospedes. Trataram-n'o por cima do hombro, não fizeram caso nenhum d'elle e se não fosse um incidente, Rosa teria sahido n'essa noite do theatro francez, sem ninguem dar pela sua passagem.

Mas o Rosa era falador, era caturra, e era entendido em coisas d'arte.

Como os artistas não fizeram caso d'elle, elle começou a fazer caso dos quadros que enchiam as paredes do *foyer*, importando-se tanto com os artistas como elles com elle se importavam.

Um d'esses quadros era do actor Jeffroy e representava varios artistas em diversos costumes theatraes.

O quadro tinha coisas de inquestionavel valor ao par d'outros que não tinham valor nenhum.

O Rosa sem saber de quem era o quadro, começou a dar a sua opinião a Mirecourt ácerca d'elle, não poupando um elogio ás bellezas, nem uma censura aos defeitos.

Em quanto o actor portuguez fazia em voz alta a sua critica falada, foi-se-lhe acercando um homem que estava no *foyer*, e começou tambem a entrar no *cavaco* de Rosa com Mirecourt a respeito do quadro.

Rosa falou com esse desconhecido com o mesmo desassombro com que estava falando com Mirecourt e o seu espanto foi grande quando esse homem lhe declarou que era Jeffroy, o auctor do quadro e lhe agradeceu a benevolencia da critica, elogiando-lhe os profundos conhecimentos artisticos.

E Jeffroy começou a fazer caso do actor portuguez e a reconhecer que o seu confrade cá de longe, era um homem de talento e um artista de raça.

Mas os outros actores francezes continuaram toda a noite a tratal-o com uma sobranceria malcreada, que só tem desculpa na immensidade de insignificantes que todas as nações despejam constantemente sobre a França, a pretexto d'estudar as suas artes, as suas industrias e os seus costumes.

Ora Rosa que tinha a consciencia do seu valor, que além d'isso era um caracter d'uma bondade extrema para com todos, que como artista acolhia sempre de braços abertos todos que se lhe apresentavam invocando a santa confraternidade da arte, doeu-se muito com essa recepção desagradavel e declarou no dia seguinte a Mirecourt o seu resentimento pela forma como fôra tratado, e a sua intenção de não tornar a entrar no *foyer* do theatro francez.

Mirecourt desculpou como poude os seus compatriotas e collegas e instou com Rosa para que voltasse ao theatro francez.

Rosa accedeu ás suas instancias, e na sua segunda visita ao *foyer* da comedia, foi mui differente a sua recepção. Samson, o grande Samson foi quem recebeu o actor portuguez e quem lhe fez as honras da casa.

Os dois artistas estiveram falando largamente sobre coisas d'arte, e entre elles travaram-se logo estreitas relações, que duraram até ao fim da vida do illustre actor francez.

Convidado para jantar por Samson, Rosa recitou a pedido do seu amphitrião uma scena do *Auto do Gil Vicente*, scena que para Samson melhor comprehender, Fournier traduzira para francez.

Rosa teve um grande successo, finda a recitação todos pediram *bis*, e Samson que seguira a scena pela traducção franceza, tomou parte na repetição do trecho contrascenando com Rosa, fazendo a parte de Paula.

Rosa viveu em Paris na intimidade do celebre professor do Conservatorio, e com elle se esclareceu muito, ácerca dos pontos mais difficeis da sua profissão, ácerca das questões complicadas que prendem com essa complexa arte que se chama arte de representar.

(Continúa) *G. L.*

O Dr. Francisco Antonio Pinto
E as suas conferencias sobre o Zaire

(Continuado do n.º 226)

As relações politicas e religiosas de Portugal com o Congo foram o assumpto da quarta conferencia do sr. dr. Pinto.

Essas relações datam de 1444, data em que, como já se referiu na conferencia antecedente, Diogo Cam descobriu o Zaire. Logo alli se estabeleceu uma missão portugueza e se entabolaram relações com o principe do Sonho e depois com o rei do Congo.

Em breve se alargaram essas relações, porque os missionarios portuguezes foram infatigaveis em lhes promover o desenvolvimento, conseguindo conquistar para a igreja catholica o novo Estado descoberto pelos portuguezes.

Pela influencia das missões crescia a influencia de Portugal e o seu commercio com o Congo, que então se fazia por conta do rei portuguez.

A preponderancia e o prestigio alcançados pelos nossos compatriotas sobre o rei do Congo, levou este a ceder-lhes a ilha de Loanda, limite sul do reino do Congo.

A posse de Loanda pelos portuguezes levou-os a invadir o continente, que tiveram de conquistar aos gingas ou angolas, que occupavam a costa para E. de Loanda.

Para Loanda se transferiu então o bispado que se havia fundado no Congo, e com essa transferencia decahiu bastante a nossa influencia politica e religiosa.

A perda da nossa independencia em 1580 permittiu aos hollandezes occuparem aquelles nossos dominios, de que foram depois expulsos por Salvador Correia (1), e alcançamos de Roma o reconhecimento do padroado portuguez n'aquelle Estado.

Existem ainda algumas construcções religiosas — pela maior parte arruinadas — que attestam a influencia portugueza e quanto se trabalhou para a civilisação do Congo. Entre essas igrejas encontra-se uma em S. Salvador do Congo (2) e outras em ruinas.

Os indigenas conservam uma pequena capella em Mangue Pequeno, na foz do Zaire, onde manteem o culto a seu modo, embora a base seja christã. Em Santo Antonio de Pinda encontram-se as alfaias do convento, que já não existe, em uma capella indigena. O convento era tão importante e a sua influencia tão grande, que ninguem hoje conhece a povoação de Pinda sem se mencionar o nome do santo, e deu ainda o seu nome á bahia de Santo Antonio e á ponta interior do Zaire, que tem a mesma denominação.

Em Pinda encontrou o sr. dr. Pinto uma capella curiosa, sustentada por um sachristão que exerce as funcções de padre. Esta capella tem á entrada um sino collocado sobre uns paus, com a seguinte inscripção: *Si Deus pro nobis, quis contra nós;* o seu arranjo interior era muito razoavel e o sr. dr. Pinto viu algumas alfaias que deveriam ter pertencido a outra igreja. Os paramentos eram substituidos por lençaria gentilica, e com isto celebrava o sachristão as cerimonias do culto, baptisando, dizendo missa, prégando, dando conselhos e ensinando doutrina — desempenhando, emfim, o logar de parocho até ao ponto de receber os proventos que os indigenas lhe pagam.

O baptismo em Cabinda é usado com frequencia, isto é, o preto baptisa-se tantas vezes quantas poder arranjar dinheiro para pagar ao padre e para fazer uma festa, com que elle sempre gosta de acompanhar o seu baptismo.

Desde o seculo XVIII que a França tem procurado introduzir as suas missões no Congo, mais com o espirito de dominarem e de adquirirem para a França a soberania do Congo do que com o proposito de civilisarem e chamarem para o gremio da igreja aquelles povos incultos.

Para isso tem fundado varias missões, e entre outras uma em Landana, para a qual pediram a protecção do sr. Leitão, negociante portuguez e hoje visconde de Cacongo, declarando que o seu fim era auxiliar os padres da missão portugueza.

O sr. visconde de Cacongo obteve dos principes indigenas a cessão de terrenos, e os francezes estabeleceram a sua missão, edificando n'uma grande area as suas habitações e capella, muito economicamente construidas á moda do paiz.

Os indigenas, porem, não acceitam bem os padres francezes e não lhe confiam os filhos para educar, de modo que os padres, se querem ter discipulos, teem de os comprar.

O sr. dr. Pinto referiu na sua conferencia muitos pormenores que aqui encurtamos para não alargar este artigo, mas que esclarecem perfeitamente o proposito d'estes missionarios, em quererem empolgar por todos os modos a influencia portugueza n'aquelles povos.

A nossa preponderancia alli é porem superior a todos os esforços do estrangeiro para a destruir, e muitas são as provas que dão a Portugal a razão d'essa preponderancia, e mostram quanto os portuguezes devassaram aquellas regiões, percorrendo todos os logares e deixando por toda a parte vestigios da sua passagem e da sua influencia.

Stanley depois de se ver perdido em Isangilla e de lhe terem acudido os portuguezes, que o trouxeram para Boma e d'alli para Cabinda, regressou á Europa. Voltando depois a Africa quiz reconhecer o rio Zaire na parte em que o não tinha navegado.

Muniu-se de um pequeno vapor e encetou a sua viagem chegando até Vivi. Aqui principiaram os obstaculos; o rio forma n'este sitio enormes remoinhos pelo desencontro das correntes de agua que se despenha das cataractas. A navegação tornava-se impossivel tendo pela prôa os jorros do Ielalla que não deixavam obedecer o barco ao governo. Alcantiladas penedias eram as margens sem refugio, nem ponto de desembarque. Stanley estava satisfeito, e tinha para si que chegára onde ninguem chegára. Isto é meu, diria elle, descobriu-o eu, e por momentos pensou que estava onde mais ninguem estivera; mas os cachões levantavam-se em furia, não o deixavam avançar sem um perigo eminente, e para além d'esses cachões, no alcantilado dos rochedos, divisou um enorme pedregulho em que estavam gravadas as armas de Portugal.

Era a suprema ironia da coragem portugueza contra esse aventureiro.

Não sabemos se de longe o tentaria derribar a tiro, porque ao pé só chegaram os portuguezes.

E é depois d'isto que Stanley vem apregoar as suas explorações do Congo, como se elle fosse o primeiro europeu que tivesse conseguido devassar-lhe os seus dominios.

Vejamos ainda a influencia das missões inglezas que não é mais proficua que a das missões francezas.

A missão ingleza em S. Salvador do Congo foi estabelecida com consentimento do governo portuguez, mas os seus fins tem sido desprestigiar-nos para com os indigenas.

Tem procurado captival-os por meio de dadivas de toda a especie, mas o resultado d'este systema tem sido negativo.

Os pretos não tomam a serio as missões e julgam-nas casas de commercio em que os donos são uns perdularios, dando tudo que tem sem receberem nada.

O que os inglezes não conseguem pelas missões procuram conseguir pela intriga junto dos principes indigenas.

O padrão portuguez, na embocadura do Zaire, foi destruido pela artilheria dos navios inglezes, e n'isso não lhe invejamos a gloria.

A Hollanda tambem não nos tem poupado e faz coro com os inglezes contra nós.

Chegam-se mesmo a produzir coisas ridiculamente comicas com a intenção de nos desconsiderarem!

A casa hollandeza, em Banana, por exemplo, lembrou-se um dia de pôr o seguinte lettreiro: *Não se dá hospedagem a ninguem.*

Esta grosseria era dirigida aos portuguezes, mas n'ella primeiro se depremiam os hollandezes, porque o letreiro estava escripto em portuguez e isso era uma gloria para nós, provando que a lingua portugueza era a unica entendida; se tivessem posto o lettreiro em hollandez ninguem o entenderia.

São ainda largas as considerações que o conferente fez sobre a maneira porque os extrangeiros tem procurado deprimir-nos e intrigar-nos em Africa e concluiu esta conferencia aconselhando o modo como se deve combater a influencia extrangeira alli, estabelecendo Portugal mais e melhores missões com os recursos necessarios para a sua propaganda, organisando uma forte companhia commercial que, aproveitando as boas disposições dos naturaes e dispondo de um capital sufficiente, possa chamar a si o commercio portuguez e dar-lhe todo o desenvolvimento de que elle alli carece para dominar sobre o extrangeiro.

(Continúa) *C. A.*

(1) Vej. o OCCIDENTE, vol. VI, pag. 245, 246 e 270, e vol. VII, pag. 22, 147 e 285.

(2) Vej. o OCCIDENTE, vol. VI, pag. 117, 15, 83, 94, 102 e 115, e vol. V, pag. 269 e 77.

A proposito da batalha do Ameixial

(Concluido do n.º 225)

Este desastre memoravel das armas de Castella na batalha do Ameixial não causaria por certo mais prazer aos portuguezes amantes da sua patria, do que aos adversarios de D. João d'Austria na côrte de Filippe IV, á frente dos quaes estava a rainha.

As conspirações palacianas originam taes egois-

mos, conforme a historia nos conta. Confirma-nos ella a cada passo, que nem sempre da clemencia dos reis depende a harmonia e prudencia dos aulicos. Todos aspiram, e todos se consideram com iguaes direitos aos favores do seu real amo, e elle não póde manifestar mais sympathia por um do que por outro dos seus criados, a não ser que se decida a tornar-se victima d'aquella inclinação, cuja consequencia fatal é a mais emmaranhada e ridicula intriga entre os melifluos cortezãos.

Discordias tôrpes e maleficas dos regios alcaçares, cuja atmosphera suave e tepida não tem calor para estimular os brios dos que por lá vivem e folgam, á custa de seus amos, mas quasi sempre para aguçar-lhes mais a sordida cubiça.

D. Maria Anna d'Austria teve opportuno ensejo de desdenhar do predilecto bastardo de seu marido, e, sem se prender com escrupulos de consciencia, é de suppor, que, na sua intimidade conjugal, fizesse commentarios pungentes á seguinte phrase do relatorio de D. João d'Austria: «Deus quiz envilecer os animos de todos a um tempo, e castigar por este meio.»

O illustre general castelhano recolheu-se a Badajoz, depois da batalha do Ameixial, e sabendo, que o nosso exercito se empenhava na restauração da cidade de Evora, á qual póz cerco ao retirar do Ameixial, intentou a tomada d'Elvas, governada a esse tempo pelo conde de Sabugal; foi, porém, infeliz na sua projectada interpreza. O sol ardente do estio obrigou os dois exercitos combatentes a ensarilhar as armas, terminando por consequencia a campanha do Alemtejo no anno de 1663.

Emquanto ambos elles descançavam, diligenciava D. João d'Austria preparar-se para o desaggravo da offensa recebida, e com esse intuito foi a Madrid conferenciar com seu pae, que prometteu enviar-lhe a Badajoz os soccorros necessarios.

Entrou o anno de 1664, e D. João d'Austria regressou a Badajoz. Fiado nas promessas de Filippe IV, entreteve-se a formar o plano da nova campanha, em quanto nós iamos tomando Valencia d'Alcantara, sem que elle podesse acudir promptamente em defeza d'aquella praça, pois não dispunha de mais de oito mil infantes, e seis mil cavallos, exercito insignificante para uma guerra defensiva, quanto mais para uma conquista.

Depois da capitulação de Valencia, o general de artilheria D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, tomou posse d'essa praça no dia 24 de junho, e conta-nos elle o seguinte episodio, que por essa occasião succedeu: ao evacuar a praça a guarnição castelhana, um dos mestres de campo, que fôra dos rendidos em Evora no dia de S. João do anno anterior, encontrando o conde logo á entrada da porta, por onde tinha de sair, disse-lhe em tom de ironia espirituosa e cortez, que fizesse a fineza de prevenil-o do logar, para onde deveria mudar o seu fato no S. João seguinte. Naturalmente a replica do conde da Ericeira não foi menos delicada e viva.

Em consequencia do sitio de Valencia d'Alcantara, os castelhanos abandonaram o presidio da Codiceira, e desmantelaram Arronches, cujas muralhas tanto lhes havia custado a reedificar e conservar.

D. João d'Austria retirou-se amargurado a Consnegra, vencido no campo da batalha em combate leal, não recebendo alli golpe algum, para depois lh'os dar, e bem profundos, na alma a lingua mordaz dos seus inimigos, que tambem sobre elle cantaram victoria.

Procedimentos vis em nome da religião e da patria.

Zephyrino Brandão.

Um desenho inedito de Nogueira da Silva

(Continuado do n.º 225)

II

A *Revista Popular* não logrou muita vida, entretanto Nogueira da Silva tinha feito as suas primeiras armas, tinha entrado no campo da arte, tinha-se feito conhecido e isso já era uma garantia.

Effectivamente a *Revista Popular* acabou, mas Nogueira da Silva continuou a desenhar e a gravar.

Fundou de sociedade com Francisco Gonçalves Lopes — o Lopes do *Futuro*, a quem hoje ainda apertamos com jubilo a mão, O *Jornal Para Rir*. Teve grande acolhimento, e alli Nogueira da Silva manifestou a sua veia comica, tanto com o lapis como com a penna.

Juntou á fama de gravador a fama de caricaturista, e o *Jornal Para Rir* teria longa vida se não tivessem sobrevindo desintelligencias entre a sociedade, que o fizeram acabar ao fim de pouco mais de um anno.

Publicou então as *Celebridades Contemporaneas* á imitação das que se publicavam em Paris com caricaturas por Gavarni. Era uma collecção de pequenos folhetos em cada um dos quaes inseria uma caricatura e uma biographia humoristica. Sahiram uns sete folhetos, temos essa collecção envolvida na nossa estante, mas lembra-nos de ter visto as caricaturas de Lopes de Mendonça, Mendes Leal, Silva Tullio, Latino Coelho, Alexandre Herculano, Luiz Augusto Palmeirim e outro que nos não occorre.

Em outubro de 1858, recebia Portugal uma affronta da França que lhe exigiu a entrega da celebre barca franceza *Charles e George*, navio negreiro aprisionado pelos portuguezes.

Este facto excitou os animos e Nogueira da Silva saiu a publico com o D. Quichote do Seculo XIX.

Era uma caricatura vigorosa, de uma intenção clara e directa, que se não tinha o poder da força bruta a que Portugal cedera, tinha a força da rasão que a inspirava, era o desforço do espirito contra o poder da materia.

A caricatura teve um exito extraordinario. Estamparam-se cerca de 5:000 exemplares—n'aquelle tempo uma edição d'estas era fabulosa — vendiam-se a pataco e chegaram a vender-se a pinto, por se ter esgotado a edição em poucos dias na loja do Cobellos, uma lojinha de livreiro que havia ao principio da rua Augusta, esquina da rua dos Capellistas. Nogueira da Silva é que tinha sido o editor da sua obra, e todas as noites fazia contas com o Cobellos, trazendo para casa abadas de cobre, prata e até oiro.

A França levou a *Charles e George*, mas Nogueira da Silva é que recebeu a indemnisação. A *Charles e George* tinha acordado na fibra nacional todo o patriotismo platonico de um povo. A caricatura satisfazia cabalmente a essa explosão patriotica. Muitos compravam n'a ás duzias e só depois de terem rasgado espesinhado, apostrophado um bom par d'ellas, é que guardavam uma para memoria.

A rasão d'este furor é porque na caricatura figurava como principal personagem Napoleão III. Era elle o D. Quichote do seculo XIX. Estava de pé sobre uma grande aguia que representava a França; o burlesco da figura advinhava o typo que mais tarde nos apparece na *Gran-Duqueza*, o general Boum, abria desmedidamente as pernas que apoiava sobre as azas abertas da aguia; esta acocorada n'um enorme cesto, chocava d'entro d'elle uma grande quantidade de pretos algemados e acorrentados; da base do cesto partia uma corda que vinha prender-se a uma barca, a *Charles e George*, que se via em baixo comboiada pela esquadra franceza. Napoleão rasgava com arrogancia comica os tratados, e nos lados superiores da estampa lia-se: «Queres paz, prepara-te para a guerra — Queres liberdade, prepara-te para a escravidão.»

Nogueira da Silva popularisava-se, a sua reputação crescia.

III

Estamos em 1858.

Uma nova empreza editora tinha inaugurado uma publicação estimavel e estimada, e que vinha determinar uma nova epocha para a gravura, em Portugal.

Era o *Archivo Pittoresco*, editado pelos srs. Castro Irmão & C.ª, cheios de coragem e com o firme proposito de darem á gravura todo o desenvolvimento e todos os progressos que se podiam ambicionar.

Effectivamente o *Archivo Pittoresco* representa um periodo brilhante da gravura em madeira, em nosso paiz, e esse brilho deveu-o sobretudo a Nogueira da Silva.

O *Archivo Pittoresco* póde ser denominado a primeira escola da gravura em madeira, pelos progressos que realisou, pelos artistas que creou, e o mestre d'essa escola foi Nogueira da Silva.

A indole do *Archivo Pittoresco* casava-se com a indole do artista. Feito o *Archivo* á semelhança do *Magasin Pittoresque*, Nogueira da Silva seguia os modelos d'este semanario francez. Tinha para isso um trabalho enorme, desenhava todos os generos, uns bem, outros mal, principalmente a figura que compunha mal e desenhava peior, mas isso não o offusca, por aquelles tempos, cá não havia quem fizesse muito melhor, e lá fóra tambem haviam maus desenhadores de figura.

No desenho de architectura é que Nogueira da Silva mais primava, e a maneira como desenhava é que era singular e filha de uma aptidão especial.

O leitor reparou no desenho que publicámos a pag. 69? Viu a minuciosidade com que é feito? Aquellas arcadas, aquellas janellas com os seus caixilhos perfeitamente eguaes, a nitidez e precisão de todas as linhas, pois aquillo é o desenho, a gravura não fez mais que seguir todos aquelles traços desenhados, e ainda os não seguiu com tanta nitidez como elles estavam feitos, tal era o pulso de ferro do desenhador, que com o cabello de um pincel quasi microscopio e sem auxilio de lente, a olho nu, traçava com a maior facilidade aquellas linhas finissimas e parallelas de uma exactidão mechanica.

É chinez, dirão hoje com desdem, mas n'aquelle tempo era preciso assim. Os gravadores nao tinham escola, não tinham disciplina; gravava-se sem tom nem som, a maior parte das gravuras eram feitas sobre decalques d'outras gravuras que se extrahiam de publicações extrangeiras; esta arte material em que o cerebro pouco ou nada collaborava era commoda, além de que como os decalques em geral ficavam maus, confusos, pouco intelligiveis, isto era desculpa para toda a casta de barbaridades.

Era, pois, mister, reformar este estado de cousas, proporcionar aos gravadores desenhos claros, intelligiveis, que elles podessem seguir á risca, sem desculpas, e só assim se poderia conseguir modificar, aperfeiçoar e dar uma nova direcção á gravura.

Para chegar a esse resultado é que Nogueira da Silva desenhava d'aquelle modo, e entretanto pouco faltou para ser recebido á pedrado pelos gravadores, que preferiam os decalques aos desenhos.

Nogueira da Silva não recuou, seguiu o seu plano, a empreza do *Archivo Pittoresco* secundava-lhe os esforços e a gravura aperfeiçoava-se. Os gravadores intransigentes, ou que francamente não eram artistas, soffreram as consequencias da sua mediocridade, outros, como João Pedroso Gomes da Silva e José Maria Baptista Coelho distinguiam-se, principalmente Pedroso que tem no *Archivo Pittoresco* uma boa parte das suas melhores gravuras.

O auctor d'estas linhas tambem alli principiou a sua carreira, sob a direcção de Nogueira da Silva que foi seu mestre.

Temo-nos detido um pouco mais sobre esta parte do nosso artigo, porque ella determina a phase mais importante de Nogueira da Silva. No seguinte artigo concluiremos, dando mais alguns promonores do artista que melhor completem o seu perfil e assignalem a sua importancia.

(Continua) *Caetano Alberto.*

RESENHA NOTICIOSA

Descoberta cirurgica. Um estudante da Universidade de Heidelberg, na Allemanha, compoz uma tintura hydrochlorato de cocaina que tem propriedade de insensibilisar a parte do corpo a que se aplique sem affectar o resto do organismo, como acontece com o chloroformio. D'isto se fizeram já varias experiencias e entre ellas uma para operar da cataracta uma senhora de 50 annos. Esta senhora estava de ha muito privada da vista por espessas cataractas que lhe cobriam os olhos; submettida á operação e applicadas algumas gotas da nova tintura, a insensibilidade fez-se completa e poderam ser extrahidas as cataractas com a maxima perfeição em 25 minutos. A nova tintura só tem um inconveniente e é o ser excessivamente cara. A cocaina vale mais que o ouro, cada gramma custa 8$000 réis, a pharmacia que tivesse uma libra d'esta substancia teria 3:500$000 réis empregados só n'esta especie.

Barão de Geraudo. Este respeitavel agente consular, que por muitos annos representou a França entre nós, falleceu ha poucos dias em Nice, onde se achava havia algum tempo, afim de procurar n'aquelle clima temperado, alivio aos seus padecimentos. Chegando a Portugal, acompanhado de sua esposa (ha poucos annos fallecida), uma elegante e instruida senhora que esmaltava as salas de Lisboa com as scintillações do seu espirito finissimo, o barão de Geraudo soube crear entre os portuguezes extensas e profundas sympathias, que elle retribuia com muita dedicação e affecto por tudo quanto era portuguez. E' por isso que em geral foi sentida a sua morte entre nós, como se sente a de um amigo, que muitas vezes nos é mais caro que a propria familia.

America central. Nada se póde melhor comparar á Grecia ou Roma dos primitivos tempos, do que as pequenas republicas da America quasi sempre em guerra umas com as outras. Hoje é o Paraguay e a republica Argentina, outro dia é o Chili e o Peru; hontem era Guatemala e S. Salvador. Havia o general Barrios, presidente do Guatemala, concebido o projecto, aliás, não novo, de reunir todas as republicas do isthmo em um só estado. A coisa á primeira vista parece rasoavel, pois todos aquelles paizes não chegam a ter tres

milhões de habitantes; alguns concordavam na idéa, outros não, nomeadamente S. Salvador. Uma batalha perdida pelos de Guatemala e em que ficou morto o proprio general Barrios parece ter posto termo áquella convulsão.

Brinde a Bismarck. Os nossos leitores saberão talvez que ha algum tempo se promovia uma larga subscripção na Allemanha, para se dar um presente ao principe de Bismarck, por occasião do 70.º anniversario do seu nascimento. Essa subscripção, tirada até por entre os operarios, attingiu a somma de proximamente trezentos contos. Havia-se deixado apontar a idéa de que o chanceller só acceitaria o brinde para ser convertido em obras de caridade e utilidade publica, talvez uma fundação operaria ou colonial, e assim o publicaram algumas commissões da Allemanha do sul nas suas circulares. Mas o duque de Ratihor, presidente da commissão central, tratou de contractar a compra de vastos territorios senhoriaes, confinantes com os da familia do principe, com aquiescencia d'este, e auctorisação do Imperador. Em vista d'isto tem-se levantado protestos contra tal resolucção, e as commissões do Wurtemberg, de Bade, de Hesse-Darmstadt, do ducado de Brunswick, fizeram declarar officialmente que não entregarão o producto das subscripções, sem que a commissão de Berlim se comprometta a serem convertidos em uma obra nacional e não em uma doação pessoal. Tanto os jornaes conservadores, como a propria *Gazeta da Cruz*, diziam que era uma injuria feita ao chanceller, acreditar que elle acceitaria o obolo dos operarios para augmento da sua riqueza pessoal, e que isso daria lugar a suspeitas e ataques odiosos da parte dos adversarios do principe. Que dirão agora esses jornaes em vista do que se passa? e como se resolverá essa *germanice?*

Conspiração. Descobriu-se em Madrid uma que tinha por fim assassinar o rei por occasião da sua visita ás egrejas, durante a Semana Santa. Incommodo de saude impediu o rei de fazer aquella visita, e o governo participou a tentativa aos tribunaes que trabalham activamente na averiguação dos auctores.

GUERRA FRANCO-CHINEZA — O general De Négrier

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Melhoramentos de Lisboa e seu porto, por Miguel Carlos Correia Paes, Typographia Universal, Lisboa, 1884. Volume II de 530 paginas, com uma estampa da nova estação dos caminhos de ferro do sul e soeste, e uma planta do rio Tejo e suas margens, na parte comprehendida entre as portas da Cruz da Pedra e a ribeira de Algés, com a designação das obras propostas pela commissão nomeada em portaria de 16 de março de 1883. Este volume especialmente dedicado ás obras do porto de Lisboa, reune todos os projectos que a tal respeito se tem feito desde 1730, reinando D. João V, até aos nossos dias; reune mais os pareceres de varias commissões e precede estes documentos com largas considerações e apreciações sobre os differentes projectos, que em resumo todos seriam melhores que o actual estado do porto de Lisboa, a respeito do qual já aqui demos a nossa opinião, ainda ha pouco, quando falámos do 1.º vol. d'esta obra. O trabalho do sr. Paes é importante quer sob o ponto de vista historico, quer sob o ponto de vista scientifico. O livro do sr. Paes demonstra que as obras do porto de Lisboa estão estudadas até á saciedade e só falta pol-as em pratica, para o que não sabemos que fradinho da mão furada tem impedido tal realisação. O dinheiro não nos parece que seja o estorvo de tal emprehendimento, porque quando mesmo se não queira sujeitar essa obra a uma companhia extrangeira que faça a sua exploração, será bom que se saiba que o porto de Lisboa, no estado em que se acha, rende annualmente cerca de 900:000$000 réis e esta cifra já é uma garantia de juros e amortisação muito soffrivel que, fatalmente augmentará logo que se façam as obras e habilitem Lisboa a ser um dos primeiros portos do mundo. O sr. Paes conclue assim este volume:

«Por esta fórma fica completa a historia dos melhoramentos do porto de Lisboa desde a epocha mais remota, de que se encontraram documentos, até hoje 24 de dezembro de 1884.

As camaras legislativas abriram-se em 15 do corrente, o projecto de lei tem a approvação das commissões de fazenda e obras publicas da camara dos deputados anterior; é uma questão da mais alta importancia para o paiz e para Lisboa; mas, apesar da boa vontade do ministro das obras publicas, receio que se consuma toda a sessão em discussões estereis sobre a reforma de alguns artigos da Carta (que só precisa como reforma essencial ter a força necessaria para obrigar todos a cumprir os seus preceitos), e não chegar o tempo para tratar d'este e de tantos outros assumptos de administração publica, que é aquillo de que mais carecemos.

Encerro, portanto, este volume, ficando as coisas n'este estado. No seguinte darei conhecimento aos leitores do que se passar, que não seria duvidoso, se os habitantes de Lisboa tivessem, sequer, metade da energia dos do Porto; haja visto o porto de Leixões, que já está em construcção, em quanto os melhoramentos do porto de Lisboa estão ainda simplesmente em projecto, que Deus sabe se será approvado n'esta legislatura!!!»

Regras de calligraphia e traslado. Organisado pelo sr. José Lopes da Silva Granja, para uso dos alumnos da escola gratuita de Lomar, nos soburbios de Braga. Este traslado tem uma dupla significação, porque destinado ao aproveitamento dos alumnos da escola de Lomar, fundada e dotada pelo sr. José Lopes da Silva Granja, demonstra que o fundador d'esta escola não se limita a subsidial-a com os meios necessarios para o seu sustento, mas a procurar tambem os meios mais praticos e mais attrahentes para o estudo dos alumnos. A prova d'isto é o traslado a que nos referimos, o qual além de ser um bello exemplar de calligraphia, junta as melhores regras que se devem ter em vista na escripta, e acompanha essas regras com figuras demonstrativas. E assim vae o sr. Granja com uma modestia pouco imitada, prestando um concurso valioso á causa da instrucção da infancia.

Diccionario inglez portuguez. David Corazzi, editor, Lisboa. É o 4.º diccionario da collecção dos *Diccionarios do Povo*, que principia a sua publicação aos fasciculos de 64 paginas, pela diminuta quantia de 50 réis cada fasciculo.

Messager de Vienne. Temos continuado a receber este interessante periodico bi-semanal, que se publica em Paris todas as quartas feiras e sabbados, sob a direcção do sr. B. Wolowski.

Revista dos estudos livres, directores litterario-scientificos; *em Portugal*, doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos; *no Brazil*, doutores Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. Temos presente o n.º 12 do segundo anno, relativo a fevereiro de 1885, contém os seguintes artigos: *O parlamentarismo nas sociedades modernas*, pelo sr. Teixeira Bastos; *Dialectos extremenhos*, pelo sr. J. Leite de Vasconcellos; *Romancistas naturalistas: Julio Lourenço Pinto*, pelo sr. Reis Damaso; *O cancioneiro da Ajuda*, pelo sr. Theophilo Braga; *Costumes dos fulos*, pelo sr. Frederico de Barros; *Bibliographia*.

Les manufactures nationales et les arts du mobilier, folheto de 38 paginas de 8.º impresso em Paris por A. Quantin, 7, rue Saint-Benoit. N'este opusculo, que contém cinco cartas trocadas entre o sr. Haviland, fabricante de porcelana em Limoges o sr. Lauth, administrador da Fabrica Nacional de Sevres, procura aquelle sr. demonstrar que esta fabrica não tem servido para dar desenvolvimento á industria franceza, que a sua verdadeira utilidade seria em ensinar processos scientificos e praticos que melhorassem a industria do paiz, e formar contramestres perfeitamente habilitados para as outras fabricas, que d'elles muito carecem, e só assim as louças francezas poderiam competir nos mercados extrangeiros com as allemãs e inglezas, mais baratas. Entre varios alvitres que aponta para levantar o nivel da industria lembra as exposições annuaes, organisadas á maneira dos *Salões* de bellas artes, onde só fossem admittidos, como n'aquelles, os productos julgados dignos de alli figurarem por um jury previo, instituição de premios pecuniarios ou honorificos para os melhores productores, etc. Ha muitas idéas justas, e muitas reflexões praticamente uteis nas poucas paginas d'este opusculo.

Noticia relativa á cartographia e ao novo systema de relevagem das cartas geographicas do conselheiro Mendonça Cortez... Lisboa, Typographia de Adolpho, Modesto & C.ª, 39, Calçada do Tijolo, 1884. N'este opusculo dá-se noticia do systema empregado pelo nosso illustre conterraneo, systema que já obteve os applausos e elogios da parte da imprensa culta e scientifica da Europa. Desejamos vel-o quanto antes convertido em pratica commoda e util.

Archivo dos Açores, publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana, 1885. Ponta-Delgada, Ilha de S. Miguel, Typ. do *Archivo dos Açores*. Volume sexto, numeros XXXII e XXXIII. Ainda ha pouco demos conta de se achar publicado o fasciculo XXXI, primeiro do sexto volume, e eis que por um dos ultimos paquetes nos chegam mais dois fasciculos d'esta já vasta e importante collecção, que tem já hoje o seu logar irrecusavel nas estantes dos eruditos e archeologos de todo o mundo, e talvez até seja mais conhecido e apreciado no extrangeiro, do que no proprio paiz, a que tem prestado grande serviço. Os documentos que encerram estes dois fasciculos que vem desde 1548 até aos do periodo do governo liberal nos Açores, encerram especies, umas completamente desconhecidas e pela primeira vez publicadas, esmerilhadas, pela maior parte, a maior paciencia e persistencia, nos nossos archivos pelo nosso collega sr. Brito Rebello, outros pouco conhecidos, pela raridade dos opusculos onde foram publicados. Não nos cançamos de congratularmo-nos com o acrisolado patriotismo do sr. dr. Ernesto do Canto, proprietario e director d'esta util publicação, que o move a manter e continuar o seu importante trabalho.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.